

# Da *laudato* à *communio*: interpelações da ecologia integral para a eclesiologia ecumênica

## From *laudato* to *communio*: interpellations of integral ecology for ecumenical ecclesiology

Raquel de Fátima Colet<sup>1</sup>

### Resumo

Presente na agenda das igrejas, a questão ecológica interpela a autocompreensão eclesial à medida em que evidencia elementos constitutivos do ser e da missão da Igreja. Tematizado na encíclica *Laudato si'* do papa Francisco (2015), o conceito de ecologia integral favorece essa abordagem, permitindo um olhar sobre a casa comum que supere as questões socioambientais. Assumindo o ecumenismo como princípio formal da eclesiologia, busca-se aqui explicitar essa correlação, tomando como caminho hermenêutico as três categorias apontadas pela encíclica como base pedagógica para uma nova consciência – origem comum, recíproca pertença e futuro compartilhado. Destas se depreendem três ênfases teológicas como interpeladoras da unidade cristã – a primazia da graça, a dignidade da diversidade e o testemunho diaconal. Advoga-se, assim, pela perspectiva ecumênica presente na sensibilidade ecológica enquanto instância crítica do *status quo* da divisão cristã, e, ao mesmo tempo, como via possível de convergência da pluralidade eclesiológica. Conjugada na gramática da *communio* (comunhão), a ecologia integral explicita a dimensão unitiva do evangelho da criação e interpela as igrejas à superação de suas posturas exclusivistas em vista de um testemunho urgente e coerente da Igreja de Cristo na atualidade.

### Palavras-chave

Ecumenismo. Ecologia integral. *Communio*. Eclesiologia. Unidade.

### Abstract

Present in the agenda of the churches, the ecological issue questions the ecclesial self-understanding insofar as it shows constitutive elements of being and mission of the Church. Addressed in the encyclical *Laudato si'* by Pope Francis (2015), the concept of integral ecology favors this approach, allowing a look at the common house that overcomes socio-environmental issues. Assuming ecumenism as a formal principle of ecclesiology, this article seeks to make explicit this correlation, taking as a hermeneutical path the three categories pointed out by the encyclical as a pedagogical basis for a new consciousness - common origin, reciprocal belonging and shared future. From these, three theological emphases appear as interpellators of Christian unity - the primacy of grace, the dignity of diversity and the diaconal testimony. Therefore, the ecumenical perspective present in the ecological sensibility is advocated as a critical instance of the *status quo* of Christian division, and at the same time, as a possible way of convergence of ecclesiological plurality. Conjugated in the grammar of *communio* (communion), integral ecology expresses the unitive dimension of the gospel of creation and challenges the churches to overcome their exclusivist positions noticing the necessity of an urgent and coherent testimony of the Church of Christ today.

---

<sup>1</sup> Doutoranda, mestre e bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Assessora provincial da Pastoral Escolar Vicentina da Província de Curitiba. Contato: [raquel\\_colet@hotmail.com](mailto:raquel_colet@hotmail.com).

**Keywords**

Ecumenism. Integral Ecology. *Communio*. Ecclesiology. Unity.

**INTRODUÇÃO**

A encíclica *Laudato si'* publicada pelo papa Francisco em 2015 trouxe novo impulso para a reflexão sobre a questão ecológica, tanto no meio eclesial quanto no espaço público. Assimilada de modo mais adequado no conjunto do pensamento e das iniciativas do atual bispo de Roma, a proposta de uma *ecologia integral* – tese central do documento – agrega ao debate uma pluralidade de contextos, saberes e interlocutores. Esses diferentes olhares convergem na explicitação de uma preocupação mútua: os clamores da casa comum (LS 1). O caminho hermenêutico assumido pelo papa supera uma visão fatalista do presente e do futuro do planeta, e recupera sua tessitura litúrgica, estética e contemplativa, sendo este o prisma singular sob o qual a experiência cristã concebe e assume sua relação com a Terra. Tal leitura apresenta-se como via pedagógica, capaz de influir propositivamente nas opções que determinam a relação do ser humano com as demais criaturas, sustentando a passagem do domínio ao cuidado (LS 11) firmada na convicção de que o meio ambiente “é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos.” (LS 95).

Por sua vez, o envolvimento dos(as) cristãos(ãs) nesse debate não se dá unicamente por um compromisso ético, mas como imperativo da consciência eclesial. Sendo a Igreja uma realidade também histórica, o mundo não é algo alheio ou externo a ela, senão o lugar onde vive sua identidade e missão como sacramento do Reino. Desse pressuposto intuimos que a proposta de uma ecologia integral é revestida por um viés eclesiológico. Nessa lógica, dois movimentos complementares podem ser percebidos: de um lado, por coerência evangélica, a complexidade da urgência ecológica se apresenta como instância de cooperação ativa e inadiável para a agenda das igrejas; ou seja, a situação do planeta move as igrejas a juntarem forças em uma ação comum. Por outro, a dignidade ferida da criação recorda à Igreja os elementos constitutivos de sua unidade, igualmente ferida pelo pecado da divisão, e da tarefa inadiável do empenho ecumênico, na qual o diálogo espiritual-teológico se apresenta como imprescindível.

Assim, numa metáfora linguística, perguntamo-nos como a gramática da ecologia integral se conjuga na autocompreensão das igrejas e de sua missão. Para isso, assumimos o ecumenismo como princípio formal da reflexão eclesiológica (WOLFF, 2007, p. 44), articulada a partir da noção de *communio/koinonia* enquanto realidade da unidade fundamental já existente – embora incompleta – da Igreja (KASPER, 2008, p. 74). Metodologicamente, desenvolvemos a proposta nos apropriando do itinerário pedagógico de três vias assinaladas na *Laudato si'* – origem comum, recíproca pertença e futuro compartilhando – lendo-as sob a ótica dos princípios teológicos que sustentam uma eclesiologia ecumênica. Por fim, assinalamos alguns compromissos que emergem, tanto para as relações interconfessionais quanto para a presença da Igreja na sociedade.

## 1 INTUIÇÕES PARA UMA LEITURA ECOLÓGICA DA ECLESIOLOGIA ECUMÊNICA

A noção de ecumenismo como *princípio formal* da eclesiologia ancora-se na constatação do pluralismo eclesial e da necessidade de uma leitura deste para além de seus desafios ou ambiguidades, mas como uma possibilidade “para a compreensão e vivência do Evangelho” (WOLFF, 2011, p. 35). A unidade pertence à essência da comunidade eclesial, e ambas se situam como vontade de Deus: “Deus quer a Igreja, porque Ele quer a unidade” (UUS 8). O ecumênico se apresenta, assim, “como *elemento interpretativo* das realidades que incidem na compreensão da Igreja” (WOLFF, 2007, p. 85, grifo do autor) e de como ela se realiza na história. Desse modo, expressa-se a inseparável relação entre a Igreja e ecumenismo, de modo que “o que define a Igreja define o ecumenismo, e a Igreja não é Igreja apesar do ecumenismo, mas por meio dele.” (SINNER, 2011, p. 57).

Este horizonte hermenêutico embasa o diálogo ecumênico que, antes tem como ponto de partida não a divisão, mas o vínculo de unidade indissolúvel enquanto realidade já existente e que sustenta todas as dimensões e interfaces que este diálogo assume. Desta constatação emerge a noção de *communio* (latim) ou *koinonia* (grego), conceito que tem sustentado a busca de convergências e consensos no meio ecumênico. A compreensão de unidade cristã presente na *communio/koinonia* (comunhão, participação) está orientada sob o signo da Trindade na perspectiva da diversidade: a unidade na diversidade e diversidade na unidade (KASPER, 2008, p. 74). Segundo Kasper esta noção se apresenta como a “nova e básica percepção ecumênica” da existência de uma unidade fundamental entre os batizados e batizadas que possibilita a distinção entre “uma *communio* integral e uma *communio* incompleta.” (KASPER, 2008, p. 74). O autor também considera que a *koinonia/communio* agrega simultaneamente o elemento teológico, comunal e social, definido por ele como a dimensão vertical e horizontal da comunhão (KASPER, 2008, p. 81). Esta comunhão está na origem, na natureza e na missão da Igreja (WOLFF, 2007, p. 88).

Partimos desse entendimento de *communio* para propor uma leitura em chave ecológica da unidade cristã, sustentada pelo conceito de ecologia integral da *Laudato si'*. A constatação da interdependência entre todas as dimensões da vida e de suas inter-relações explicita um vínculo constitutivo de unidade entre Deus, o ser humano e a natureza. Essa conexão não se resume a elementos biológicos ou naturais e pergunta pelo lugar e tarefa singulares da humanidade (LS 15) na salvaguarda da dignidade da casa comum, o que, na experiência cristã, integra e interpela a experiência pessoal e comunitária da fé.

## 2 CONTRIBUIÇÕES DA ECOLOGIA INTEGRAL PARA A ECLESIOLOGIA ECUMÊNICA

A *Laudato si'* explicita uma notável preocupação com um caminho educativo que possa dar concretude e objetividade à reflexão em torno da questão ecológica. Essa dimensão

pedagógica é estabelecida a partir de uma tripla constatação - origem comum, recíproca pertença e futuro compartilhado (LS 202). Na lógica da *communio* integral assumimos essas três ênfases como chaves de leitura para a autocompreensão eclesial.

## **2.1 A origem comum como expressão da primazia da graça**

Intitulada *O evangelho da criação*, a segunda parte da encíclica é um convite à percepção da beleza e da dignidade da obra criada: “todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós” (LS 84), de modo que “a importância e o significado de qualquer criatura” são melhores entendidos quando contemplados “no conjunto do plano de Deus” (LS 71).

A mesma Palavra criadora que antecedeu o ordenamento do cosmos (Gn 1) e que estabelece o lugar do ser humano nele, antecede, gera e sustenta a *communio* como “[...] convicção de que nós e todos os seres do universo, sendo criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime” (LS 89). Numa leitura eclesiológica, a noção de origem comum recorda às igrejas que a meta da unidade é, em primeiro plano, dom e ação de Deus: “Dios es la fuente y fundamento de toda iniciativa de unidad. Es por la gracia de Dios que se afirma haber recibido la bendición divina y ser parte de su creación.” (ÁLVAREZ, 2010, p. 9). Essa constatação recoloca a *primazia* do ecumenismo espiritual como via mistagógica que move ao crescimento da consciência da unidade (UUS 22) e ao progresso na participação nos meios da graça (UR 8). Da mesma forma, o paradigma ecológico provoca a espiritualidade ecumênica a recuperar o mistério da criação, relendo nele a expressão genuína da unidade que já nos foi dada. Tal processo é intuído pela contemplação litúrgica dessa origem comum, traduzida em linguagem criatural, revestida de gratuidade e louvor “no reconhecimento de que tudo é dom livremente doado para com liberdade receber e na liberdade conviver.” (WOLFF, 2016, p. 86).

## **2.2 A recíproca pertença como reconhecimento da dignidade da diversidade**

A ecologia integral insiste no estreito vínculo existente entre todas as dimensões e expressões da vida, o que leva ao reconhecimento da legitimidade da diversidade. A interdependência e a importância singular que cada ser vivo possui no conjunto da obra criada relembra às igrejas que a pluralidade que as envolve não é um fator circunstancial ou anômalo, mas sua dimensão originária e constitutiva:

La unidad afirma la diversidad. Así se ofrece la oportunidad de reconocer las diferencias válidas en diversidad de expresiones y opiniones. Se evitan así los autoritarismos y las hegemonias excluyentes, dando paso a la inclusividad, sin esconder los conflictos y los tropiezos. La unidad nunca es uniformidad. Busca aquello que es común y de consenso, sin falsas componendas e ni acuerdos superficiales. Vive en una tensión creativa entre lo fundamental y lo accesorio. (ÁLVAREZ, 2010, p. 10).

Para a eclesiologia ecumênica a recíproca pertença assinala seu fundamento trinitário e batismal como bases teológicas sobre as quais se sustenta a *communio*. A Trindade sublinha “a possibilidade de promover o diferente como positivo sem destruir o convergente” (ÁLVAREZ, 2010, p. 14), de modo que “a participação na vida trinitária torna-se base e modelo de comunicação mútua, do comportamento comunal e social, e da espiritualidade da comunhão.” (KASPER, 2008, p. 81). Esse vínculo encontra no batismo sua base sacramental: “a *communio* é *communio* no único batismo” pelo qual somos integrados no Corpo de Cristo (KASPER, 2008, p. 81) e unidos(as) “com cada um dos outros cristãos e com a Igreja de todos os tempos e de todos os lugares.” (COMISSÃO DE FÉ E CONSTITUIÇÃO DO CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS, 2001, p. 23-24).<sup>2</sup>

A recíproca pertença move as igrejas e comunidades eclesiais a considerar com seriedade suas particularidades confessionais como dons à comunhão e, neste intercâmbio de dons (UUS 28), impulsionar um diálogo teológico honesto e proativo em torno dos elementos constitutivos da unidade da Igreja. Isso permite superar pessimismos, inércias ou indiferenças diante das diferenças confessionais. Não se confundindo com uma ‘diplomacia ecumênica’, a unidade caminha de braços dados com a verdade. Ela “não anula as diferenças nem as elimina. Trata-se da unidade no Espírito que enriquece a pluralidade, descobrindo o significado profundo da particularidade das diferenças.” (WOLFF, 2007, p. 77).

### **2.3 O futuro compartilhado como apelo ao testemunho diaconal**

Possivelmente, a insegurança em relação ao futuro em relação às condições mínimas para a manutenção da vida esteja no rol das grandes preocupações ecológicas, por vezes carregadas de uma resignação fatalista ao ‘pior que está por vir’. Contudo, mais do que o compartilhamento de um possível cenário de limites e privações, o futuro compartilhado se tece com fios de ativa esperança. “O mundo é mais do que um problema a resolver” (LS 12), mas é o lugar da contemplação diaconal do mistério da vida que possui um poder absurdamente incrível de se recriar e renovar. Buscar esse horizonte que precisa ser trilhado em conjunto suscita uma dimensão *kenótica* de corresponsabilidade (Fl 2,7) na qual os bens da Terra são assumidos como “herança comum e a justiça no acesso a estes como expressão de fidelidade ao Criador.” (LS 93).

Na interface com a noção de *communio* integral, o futuro compartilhado acena para a dimensão missionária da eclesiologia ecumênica. Em primeiro plano remete para a noção de unidade não como retorno a uma situação existente num passado remoto, mas como um avanço (KASPER, 2008, p. 30) pertencente ao desígnio da graça que reside no futuro de Deus. Assumida na perspectiva do Reino de Deus, esta esperança move a cooperação dos(as) cristãos(ãs) que traduzem a hermenêutica comunal no serviço ao mundo, o que, ao mesmo

---

<sup>2</sup> Documento *Batismo, eucaristia, ministério*, elaborado por Fé e Constituição, organismo vinculado ao Conselho Mundial de Igrejas.

tempo em que se apresenta como um passo rumo à meta da unidade, constitui-se em um sinal eficaz desta mesma unidade (WOLFF, 2007, p. 243). Da mesma forma que “toda abordagem ecológica deve integrar uma perspectiva social”, com atenção especial aos mais desfavorecidos (LS 93), as questões éticas, sociopolíticas, culturais não são estranhas à ecumenicidade da fé, mas traduzem a relação intrínseca existente entre “unidade e missão, entre amor cristão e presença cristã no mundo.” (WOLFF, 2007, p. 244).

### **3 COMPROMISSOS ECOLÓGICOS/ECUMÊNICOS ÀS IGREJAS**

Partindo da premissa da unidade como dom e tarefa, avistamos alguns compromissos para a agenda das igrejas, não meramente como proposições de atividades ou projetos pontuais, mas como revisita propositiva às suas convicções e motivações ecumênicas. Como síntese deste apelo, apontamos para o conceito de “conversão da conversão” apresentado por Susin ao discorrer sobre a conversão ecológica: “da conversão ao céu para a conversão à terra” (SUSIN, 2016, p. 40). Trata-se da “consciência de que não existimos separados do mundo, mas que formamos com todos os elementos da natureza uma comunhão amorosa” (SUSIN, 2016, p. 46).

Nessa lógica se intui que, apesar das diferenças eclesiológicas, se é cristão(ã) na Igreja de Cristo e em comunhão crescente com ela. Considerando que “não há verdadeiro ecumenismo sem conversão interior” (UR 7), a “conversão da conversão” para a eclesiologia ecumênica vincula-se ao permanente movimento de renovação e reforma (UUS 16) em sintonia com o que Kasper indica como retorno não a determinada confissão, mas de todos(as) e juntos(as) a Jesus Cristo (KASPER, 2008, p. 29). Não se trata de ‘conversões’ dissociadas ou paralelas, tendo em vista que converter-se na experiência cristã é uma reconfiguração da vida por inteiro (conversão integral) e para além da esfera individual: converter-se ‘à terra’ provoca as igrejas a uma conversão ao diálogo – o qual implica envolvimento total (UUS 28) – no intuito de revisão de seu itinerário na direção da *communio* integral.

Assim, uma conversão plasmada pela solicitude ecumênica (UUS 15) não se contenta com bons propósitos no nível da consciência privada ou com ajustes institucionais, mas reclama a disposição ativa da comunidade de reconfigurar seus percursos por vezes moldados ou acostumados à segurança das próprias fronteiras e, até mesmo, à situação da divisão. Como aspectos práticos deste processo, acenamos para duas disposições que nos parecem oportunas para a atual conjuntura do diálogo entre as igrejas, e destas com a sociedade e com o planeta. A primeira delas corresponde a recuperar o frescor profético do ecumenismo espiritual. Tal como a *Laudato si'* instiga o cuidado a partir da contemplação, a mística é o vínculo capaz de provocar novo fôlego ao diálogo; o percurso ecumênico só se amplia a partir da profundidade, que necessariamente é revestida pela espiritualidade (KASPER, 2008, p. 30). A criação é, inclusive, uma via fecunda de encontro espiritual entre os(as) cristãos(ãs) e os move às entranhas da própria fé, instigando atitudes de despojamento, reconciliação, sobriedade, esperança, confiança. Em segundo lugar, a sensibilidade solidária com as causas da casa comum

e dos sofrendores da Terra se apresentam como um elemento concreto de uma pedagogia do encontro, cujo reconhecimento mútuo se dá na constatação da fragilidade e finitude da vida, e na necessidade da comunhão/cooperação como uma questão de sobrevivência. O envolvimento comum nessas causas leva a repensar estruturas na perspectiva da sustentabilidade, não só ambiental, mas também relacional e teológica, onde a diversidade seja assumida como dom e não como ameaça. Serve de apoio a este propósito a recepção criativa dos resultados já alcançados no empenho ecumênico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do mesmo modo que assumimos que a dimensão ecológica não pode ser relegada a um adendo ou elemento facultativo da existência e das relações, teologicamente assumimos a ecumenicidade como dimensão legítima e constitutiva da realidade eclesial. A humanidade é natureza e, sob a lógica da ecologia integral, percebe-se igualmente parte da natureza divina, identificando a vida natural e biológica como expressão da presença de Deus no mistério do mundo. Assim, a comunidade humana sob o signo comunal ao mesmo tempo que coloca a casa comum como a necessária e irrenunciável ambiência da Igreja de Cristo, interpela a hermenêutica de sua identidade mistérica. Ecologia e ecumenismo se apresentam como questões urgentes e complexas frente as quais respostas rasas e soluções rápidas são inconsequentes e paliativas. Por razões de fé, os(as) cristãos(ãs) – e de modo especial a Teologia - não podem se eximir da tarefa de, artesanalmente, instigar e promover caminhos de diálogo, traduzidos por uma diaconia laudativa e comunal, em vista de um testemunho coerente e atual do evangelho de Cristo. ✞

## REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, Carmelo. **Introducción a la unidad cristiana**. Nashville: AETH, 2010.

BÍBLIA. **Tradução Ecumênica da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 1995.

COMISSÃO DE FÉ E CONSTITUIÇÃO DO CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. **Batismo, eucaristia, ministério: convergência da fé**. 3. ed. Brasília: CONIC; Rio de Janeiro: KOINONIA; São Paulo: ASTE, 2001.

COMISSÃO DE FÉ E ORDEM DO CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. **A Igreja: uma visão ecumênica**. Brasília: CONIC; São Paulo: ASTE, 2015.

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas: 2015.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Ut unum sint**: sobre o empenho ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1995.

KASPER, Walter. **Que todas sejam uma**: o chamado à unidade hoje. São Paulo: Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. **Cosechar los frutos:** aspectos básicos de la fe cristiana en el diálogo ecuménico. Maliaño: Sal Terrae, 2010.

\_\_\_\_\_. **La unidad en Jesucristo.** Maliaño: Sal Terrae, 2016.

SINNER, Rudolf von. Eclesiologia ecumênica: possibilidades e limites. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, 55-68, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/9202/6336>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

SUSIN, Luiz Carlos. Conversão ecológica: “conversão da conversão”. In: MURAD, Afonso; TAVARES, S.S. **Cuidar da casa comum:** chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato si’. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 40-51.

VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II:** constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

WOLFF, Elias. **A unidade da Igreja:** ensaio de eclesiologia ecumênica. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso:** contribuições na perspectiva cristã. São Paulo: Paulinas, 2016.